

Inibir bolsas não resolve

Em épocas de pacote, tudo possível, inclusive cometer incorreções cujos efeitos são aparentemente turvos. Os recentes episódios envolvendo a carne bovina levaram o governo a isolar-se, numa postura de que todos são culpados, menos ele. Como se não bastasse, as autoridades teimam em acenar com medidas restritivas nos mercados a termo de mercadorias, julgando que a especulação parte deles.

Cabe recordar que tais operações são relativamente recentes no Brasil e carecem, conforme seus próprios participantes mais ativos, de uma série de aperfeiçoamentos. Como se sabe, o governo poderia tirar enorme vantagem de mercados futuros bem mais dinâmicos que os atuais, de modo a precaver-se quanto à eventual necessidade de formação de estoques para certos produtos tidos como estratégicos. O setor privado tem sido um ardente defensor da crescente institucionalização desses mercados, tanto como opção financeira, como alavanca para a comercialização das safras agrícolas.

Agora, aguarda-se a regulamentação que o Banco Central deve promulgar a respeito. Os empresários que operam nos mercados a termo, seja de produtos ou de ativos financeiros, consideram justamente que as autoridades ainda não estão suficientemente familiarizadas com a questão, a ponto de estabelecer uma regulamentação, algo que poderia advir do próprio setor pri-

vado, isoladamente, ou em conjunto com o governo.

O que preocupa é a ótica punitiva com que o governo geralmente aborda tais mercados, preferindo neles identificar fontes negativas de especulação, em vez de reconhecer que sua abertura e aprimoramento contribuíram decisivamente para pôr fim a uma série de obstáculos à modernização da comercialização agropecuária. Isso sem contar a saudável oferta diversificada de ativos financeiros, que concorre diretamente para agilizar as transferências financeiras de recursos entre os diferentes segmentos da economia.

Parece que o governo estaria agindo de modo apaixonado, embora administrações anteriores tenham reconhecido a necessidade de aperfeiçoar tais mercados, a exemplo do que se verifica historicamente nos países desenvolvidos. Um empresário notou, com certa razão, que as inúmeras regulamentações até hoje impostas sobre outros segmentos financeiros raramente ajudaram a evitar resultados catastróficos. E hoje, no Exterior, caminha-se progressivamente para uma fase de desregulamentação da economia. Aqui, busca-se a direção oposta, na crença de que ainda é possível reinventar os mecanismos de mercado, "à moda brasileira". Com isso, corre-se antes de tudo o risco de desestimular operações que deveriam ser tidas como indispensáveis, em vez de estorvantes.